Número 332 | Guimarães, 26 de Julho de 1931 | Ano 7.º (3.ª fase)

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor: ALCINDO DIAS PEREIRA

Propriedade da Emprêsa de A VELHA GUARDA

Director: VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia Minerva Vimaranense: Rua 31 de Janeiro, 133—GUIMARÃES

Em prol das Gualterianas

Vem-se notando em Guimarães desusada actividade no sentido de efectivar solene e estrondosamente as outrora muito afamadas festas da cidade. Concluímos com certo desvanecimento que ainda existe, nêste cantinho orgulhosamente minhoto, o acendrado altruísmo bairrista de outros tempos. A gente môça deve—como agora o faz—tomar a peito o levantamento do nosso prestígio no concêrto das cidades portuguesas. A' decadência que ora se revela—em ameaça de relegar a velha e caprichosa Guimarães à categoria inferior de qualquer vilota ignara — devemos todos, num só brado, único esfôrço, opor a mais forte das barreiras. De há anos que aqui se não faz mais do que um simulacro daqueles festejos ruidosos que fascinavam tôda uma multidão de forasteiros. Eram só e simplesmente umas paupérrimas feiras que se vinham fazendo para engodar uma tradição que — apesar da oratória inflamada de muitos moradores do sítio — começava a meter água por todos os lados. E havia e há quem explique o fenómeno de certo modo. Mas, como estamos no século das realidades, não cabe bem dentro de nós tôda a explicação que se pretenda dar. O meio infalível de perpectuar através dos tempos as *festas gualterianas* — que são a despeito de tudo e de todos as festas da cidade — é o patrocinio incondicional do Município. Modernamente, usa-se êste processo de perpetuidade. Como já o disse "A Velha Guarda„ num artigo passado, o Município deve adoptar as tradicionais festas de S. Gualter... Não porque nos mereça qualquer espécie de culto os *prodígios do orago*. Simplesmente porque é a cidade, somos nós, quem lucra com o facto.

Hoje, acrescemos ao que já dissemos, a mais humilde das opiniões sôbre uma atitude indispensável — cremos — que o Município deve assumir para levar a efeito a realização de tal melhoramento: *pode esta Entidade lançar sôbre os munícipes um imposto mínimo expressamente para o caso.*

Não é à primeira vista coisa fácil. Todavia — momentos depois duma ligeira reflexão — há que concordar na viabilidade do citadino problema. De facto, não se nos oferece outro meio mais apto e forte de realização. Se bem que a hora é má, das piores que à humanidade é dado conhecer, havemos de aquiescer em que—contra outras objecções—a medida é lógica e oportuna. O sacrifício é, pelo menos, bem mais coerente com as nossas prorrogativas do que muitos outros que aceitamos sem a menor resistência. Logo: *àvante pelas festas gualterianas.*

Ocorre naturalmente arquivar nas modestas, mas honradas, colunas do nosso jornal, algumas palavras de louvor àqueles que —nesta hora—se empenham no óptimo sucesso dos festejos do ano presente. Estamos a oito dias do acontecimento e é justíssimo acentuar que muito se trabalhou. Com êle, solenizam-se, nêste embaralhado 1931, as suas "*bôdas de prata*„. Porisso que alguns vimaranenses môços (no corpo e na alma), em quem o bairrismo não é uma palavra vã, houveram por acêrto envidar os mais generosos esforços em prol das nossas festas que — em face do exposto — tomam êste ano foros de comemoração. Louvando-os, louvamo-nos. Porque tudo prognostica — desde os preparativos à actividade dos empreendedores—a mais verberante afirmação de vida. Muito bem. Muito bem. E' para que o brilho do ano presente tenha seqüência nos imediatos, que afoitamente lembramos ao Município a aportunidade da adopção. Já concorreu —sabemos—com alguns milhares de escudos para o abrilhantamento das gualterianas. Urge fazer o resto. Porque os Municípios devem, a todos os títulos, encarnar a aspiração dos munícipes. Só assim se explica a sua existência. Quando um Município se arreda da vontade daqueles que representa, está deslocado e—se nos dão licença—resta-lho um só gesto decente: saír.

Porisso que o nosso Município pio deve completar êste trabalho, visto ser — como demonstramos — a vontade de nós todos.

Aguia-Verde.

FALANDO CLARO

Já aqui focamos de maneira insofismável a atitude assumida pelos que — desavindos ontem — hoje se irmanam desvanecidos sob o pendão conciliador da «Aliança Republicano-Socialista». O País inteirou-se dêsse gesto, que atinge um alto significado numa Pátria estruturalmente Republicana como a nossa. A nossa abnegação levantou — não obstante — uma celeuma demasiado bélica nos arraiais teórica e filosòficamente adversos. Diremos, de comêço, que a aceleração dos ânimos se reveste de certa iniqüidade, de parte a parte, se — a dentro do bom raciocínio — nos abandonarmos ao lazer dumas breves reflexões. Integrados no pensamento da Coligação Republicano-Socialista, agita-se-nos a consciência num anseio veemente de expansão. Devemos a nós mesmos uma explicação cabal do que, à volta dos princípios, se vai morosamente revelando. A hora que passa — diz-se e insiste-se das altas esferas governamentais — é de paz. De saneamento e depuração.

De acôrdo. Seguindo essas peugadas doutrinárias se coligaram os cidadãos da «A. R.-S.». As rixas, os melindres, os ódios, as querelas, os acintes e apodos, cessaram nêsse momento histórico. Acima das paixões pessoais, ergueu-se um sentimento nobre... que dignifica e não enxovalha. Porque, como bem disse o Snr. Alfeu de Castro, êste conjunto não se adstringe a um *facciosismo de grupo*. E' de forma inversa, uma opinião deveras partilhada por algumas centenas de milhar de indivíduos conscienciosos. Por tôda a gente, afinal. E, já que entre nós se alistam esperançosas élites do pensamento moderno, que são a concepção da nossa vitalidade, procedeu-se a um saneamento no campo filosófico que urge constatar em presença do Manifesto que a «A. R.-S.» distribuíu e fez circular em Portugal. Porque a «doutrina» é um grito de paz lançado na família portuguesa. E colide singularmente com as afirmações pacíficas do Govêrno. De facto, nós queremos paz. Guerra, só contra estrangeiros que monosprezem a nossa integridade nacional.

Nós queremos paz. A hora exige-o e vimos afirmando com elevação êste propósito. Logo: *é por meios pacíficos que pretendemos dirimir os nossos problemas.* Mas — porque assim é evidentemente — surpreende-nos a animadversão de certas camadas. Nesta hora de paz, vem-nos sendo endossado tôda uma série de escândalos que — sem dêles termos culpa — jaziam sepultos num pesado esquecimento. Nesta hora de paz, reeditam-se recortes de antigas polémicas. Ainda nesta hora de paz, somos tidos cruelmente como inimigos. Perdão. Há em tudo isto um equívoco medonho. O Govêrno é Republicano e nós — como Republicanos de outra doutrina — não podemos ser seus inimigos. Não chegamos a ser — em rigor — seus adversários. Divergimos, tão sòmente, dos seus vários pontos de vista fundamentais. Eis porque, nesta hora de paz, apenas desejamos encarar o momento e preterir asvelh as questiúnculas estéreis. A dentro da Legalidade, somos capazes de travar uma luta leal. Mas sem propósitos sinistros nem intuitos subversivos. Sem maldosas intenções.

Recenseamo-nos para legalizar a nossa capacidade de eleitores. O assunto não devia merecer reparos a ninguém, visto que — como detentores duma consciência sã — usamos dum direito que jàmais negamos aos simpatisantes das ideias mais anti-democráticas. Queremos, em tôdas as ocorrências, prestigiar a liberdade de consciência, a liberdade de pensamento. Dado o que — temos um sagrado respeito pelas opiniões dos outros.

Só desejamos para nós uma igualdade de tratamento.

H. BELÉM.

A eternidade do sufrágio

E' já bem reduzido o número daqueles visionários, de estranha teoria, que — sem noções de outros conceitos — apenas reconhecem no símbolo, porventura divinizado, a sêde e a origem do poder. A' disputa pelas armas sucedeu a disputa pelo cérebro. A luta, empenhada à volta dos pensamentos niveladores, dilatou-se consciamente em busca duma finalidade. Penetrou as bibliotecas e as academias. Penetrou até as próprias catedrais. O campo era vastíssimo e — se bem que tibiamente — muitos exultaram da falência das ideias novas. Mero engano! Em complemento das teorias veio a exibição eloqüente das experiências práticas.

Nada mais estrondosamente humano.

Nunca maior sucesso.

A decadência veloz das coisas arbitrárias oferece-nos o flanco ao comentário justiceiro. Tudo tem, é certo, a sua razão de ser. Tudo tem uma causa remota ou imediata. De resto, ninguem se esquiva às respectivas conseqüências.

Ora, o sufrágio é a salvaguarda da autoridade e dá — se feito sem ardilezas — a verdadeira legitimidade a todos os poderes modernos. Em teoria, só êle pode outorgar foros de direito à fôrça. Porque êle é a única expressão da opinião pública. Fora dêstes doutrinamentos—cujo crédito não tolera dúvidas, porque é o resultado de muitos anos de consecutivo exame — tudo é vago e inconsistente. Fora dêstes doutrinamentos não é possível efectuar uma breve reconciliação entre os povos. Tudo sossobra... porque tudo transpõe os seus naturais limites.

Porisso que hodiernamente se adopta o sufrágio como remédio de tais males. Em Portugal faz-se o sufrágio — afora leves interrupções — há um século. Portugal, típica e ardentemente ocidental, primou em marchar sempre na vanguarda da civilização. Jàmais os grandes gestos, dignificadores, deixaram de aqui ter o mais franco acolhimento, um eco prometedor.

E agora, que pretendemos dirimir a nossa questão social muito familiarmente, vamos outra vez — e a dentro da boa lógica — recorrer ao sufrágio. Todos os portugneses devem olhar (o que realmente fazem) o problema das eleições muito a sério. Votar não é só um direito; mais do que isso ainda, *é um imprescindível dever.*

Serenamente, imbuídos do seu elevado significado, aguardamos o acto que — quere-nos parecer — deve estar prestes a dar-se, para satisfação plena da alma nacional.

O caminho tomado nêste sentido político foi irrefragavelmente bem escolhido. Porque — sem embargo de outras opiniões — mais uma vez se evidencia, nesta Pátria tão cantada, a excelência do voto. Certamente que — dada a efervescêcia que lavra nos cida-

(Continua na 2.ª página).

Rompendo hostilidades...

Decididamente, o snr. Mussolini deu aso à surprêsa. Ninguém seria capaz de afirmar, há um ano apenas, que o ídolo apoteótico do orbe papal havia de irritar tão galhofeiramente a *candidez seródia* dos católicos. Dissemos muitas vezes, que nada temos que ver com o sucesso. Mas, o conflito aguça-nos o apetite de mais e mais comentar a «fita», devido a circunstâncias de certa afinidade que nos apraz confrontar para entendimento de todos. Há, nêste embróglio de fascistas e católicos, uma particularidade que — sendo o motor do drama — se omite, de ora em quando, no enunciado. Ninguém ignora que, por tradição que vem de séculos, usa o clero dos mais capciosos meios de infiltração. Neste míster pode, sem exagêro, dar lições a tôdas as classes. Neste míster — cuja tecnica conhece de sobejo — adquiriu inigualável aptidão. E' mestre na arte de infiltração. Vulgar, vulgaríssimo, é vê-lo insinuar-se no ânimo dos govêrnos, tornando-se pelo hábito como que indispensável aos poderes. E' mais vulgar ainda vê-lo de mãos dadas com os mesmos poderes e — como impelido por ocultos elementos — romper contra o *amigo dilecto*... o *aliado* de há pouco. O caso de Itália é banal. Historiemos: o Snr. Mussolini deu aos católicos tudo o que humanamente se pode dar. Era então o ídolo mais festejado do orbe... um ídolo cheio de *santo paganismo* que deixava a perder de vista os outros ídolos. Os oragos, santificados até ao superlativo, eram junto do prestígio dêle, meros pigmeus. Assim se conturbou o céu de hossanas hibridas, assim se encheu o espaço de cânticos e cânticos. O snr. Mussolini não perdeu — entretanto — o sentido das coisas. No fundo dormitava o fermento da discórdia: *a mocidade italiana*. Os católicos, na sua arte subtil de infiltração, esboçaram o gesto de adquiri-la... fundando a escola ou, mesmo, assaltando a escola. Esqueceram-se, na pressa com que andaram, do fanático e instintivo desejo de poder que — mais que nunca — arrasta o Duce para o delírio dos comentimentos e habilita o antigo anarquista à queda irremediável. O Snr. Mussolini não cede a mocidade senão ao ensino do *estado fascista*. Não a entrega aos católicos. E os católicos berram contra os fascistas e êstes contra aquêles. Um chinfrim.

Romperam se as hostilidades. E dizem os mais avisados que não há possibilidade de reconciliação. Não defendemos o Duce. Não defendemos os católicos porque avaliamos da razão que é costume assistir-lhes nestes apuros. Realmente, há coisas em que a história se repete. Os católicos vêm fazendo acusações graves aos fascistas, cumulam-nos de anátemas, de excomunhões. Os fascistas faíscam de inconcebida ira, relampejam de forte irritação, respondem ao ódio com outro ódio. E lembramo-nos muito bem de «em outro dia» se haver lá assaltado — como em plena revolução espanhola — vários templos católicos. Isto junto ao resto, vem corroborar a doutrina de sempre.

A parte interessante, de todo o cómico episódio, é o chegarem as bulhas os que — entre o fusilar de apoiados e de vivó-ó-ós — se rendiam mútuas gentilezas. A hipocrisia tem destas coisas. Mais do que isso: vive destas coisas.

Mas, acima de todo o amontoado, por certo incontroverso, evidentemente previsto, ha um facto de realce digno de nota especial: é que hoje não sobram ilusões sobre o futuro de Itália. O fascismo está gasto... prestes a atingir a ária do abismo. Na queda — que pode ecoar significativamente no mundo político — fogem-lhe os únicos aliados... fartos de benesses.

Só «espiritualmente» costumam os católicos prestar socorros aos moribundos. Nunca outros socorros... o que é, realmente, prático e cómodo.

E os fascistas irritam-se por isso mesmo.

Mas tem de ser.

Que a paz seja com «êles» e com «elas».

XYZ.

Dia a dia...

Associação Comercial — Fomos informados de que pediu a demissão de presidente desta colectividade, o Sr. Dr. João dos Santos.

Por S. Torcato — Parece que se têm passado *coisas endiabradas* na freguesia de S. Torcato, a principiar pela teimosa mudança do local da feira.

Gualterianas — Tudo se prepara para que as Festas Gualterianas se revistam do maior brilhantismo possível. Guimarães, que há anos tem estado de luto, vai estar em festa — mas em festa rija — nos dias 1, 2 e 3 do próximo mês. A Comissão promotora das festas tem sido incansável.

Avenida com dôno... — Anda em construção uma Avenida que — não sendo de primeira necessidade — muito pode interessar a certo industrial da nossa terra. Porém, isto de cada qual levar a água ao seu moinho, é uma questão de habilidade e de sorte...

Recenseamento eleitoral — O povo republicano do Concelho de Guimarães, cônscio dos seus deveres, tem-se inscrito no recenseamento eleitoral.

Preço da chavena de café — Estamos convencidos de que os srs. proprietários do Café Oriental baixarão — dentro em breve — o preço da chavena de café. São criaturas de bem, incapazes de não reconhecerem a razão que assiste à ilustre *clientela*. Dito isto, fica dada a resposta — até ao próximo número — àqueles que estão impacientes por ainda não ter sido tomada na devida consideração a nossa justa lembrança.

A' nossa Edilidade — Tem sido grande a guerra que temos feito ao cheiro pestilento dos *boeiros*, que existem em todas as ruas mais centrais da cidade. Todavia, não nos consta que algumas providências tenham sido tomadas, continuando a não haver consideração por tudo que diga respeito aos preceitos da higiene, e, conseqüentemente, da saúde pública.

Quando serão tomadas providências?

A poeira das ruas

Deve merecer à Câmara uma certa atenção. O cidadão, o transeúnte, não pode respirar semelhante atmosfera. Logo, portanto, que o Município tome as medidas necessárias para evitar o flagelo.

Ser Republicano é ser bom Democrata é ser perfeito. A A. R. S. é boa e é perfeita.

*

Lêde e divulgai o manifesto da A.R.-S.

Este número foi visado pela comissão de censura

Os meus instantâneos

Algumas banalidades

O sport avança. Hoje é a «II corrida da rampa da Penha» organizada pelo «Automóvel-Club». Fora disso, há patinagem noturna na Parada dos Bombeiros.

E ainda há por aí abaixo foot-ball, base-ball, basket-ball, tenis, natação, esgrima, cacete e outras especialidades de curiosas tendências e.. gostos.

A própria dança é um «sport».

Que tudo isto é uma dança.

Logo — e em virtude duma particular associação de ideias: tudo que chora e canta, que geme e ri, que anda e faz que anda, que sobe e desce, que entra e sai, que corre e...

...A própria terra, nos seus movimentos de rotação e translação...

...A lua, o sol, o universo...

Tudo, tudo faz «sport».

E nós — por indestrutível concomitância — somos, mesmo sem dar por ela, sportmen.

Ora eu chamo a atenção do público para a «corrida pedestre». Desenvolve e — em certas ocasiões — é de grande utilidade...

*

O Mussolini e o Papa pegaram à unha. Fazem-se, segundo a regra, muitas apostas. Há milhões empenhados no duelo...

Uma madureza!

Eu aposto em como perdem ambos.

Aposto dobrado.

Uma charada?!...

Nada. E' que ambos perderam o juízo e se julgam senhores daquilo que hão-de perder ambos.

*

Sôbre o teatro... nada. Rosnou-se qualquer coisa, há uns dias. Mas, o que havia, quási deu em droga...

Uma teatrada.

A «Velha Guarda» formulou modestamente uma resolução. Marcou mesmo os pontos essenciais do problema (nós aqui chamamos a tudo um problema). Ninguém faz o caso por menos.

Cá a gazeta não quere loiros... quere um teatro decente.

Os accionistas não se chegam senão «aos pouquinhos», o que emperra o transito do negócio.

Dão mesmo a perceber que receiam que as respectivas acções subam descomunalmente de preço. Soceguem que as cotações andam baixas.

Desçam-lhes ainda uns tantos por cento sôbre o valor actual; e... eu compro as a tôdas.

Escusam de se empilhar no recinto da Bolsa...

*

Hoje, há quem faça salamaleques ao S. Tiago... que — sem pretenções a fazer arte — pinta a uva. Da fama, ao menos, não se livra. Os lavradores abrem lhe as adegas... mas o patusco não bebe em tôda a parte.

Este povinho enche-o de de gentilezas. Diz-lhe graças, chacoteia. Endereça-lhes amorosas palavras, finos galanteios...

Algumas moças até se apaixonam por êle. Mas o sujeito esconde-se prudentemente entre as árvores dos bosques... entrincheira-se contra o amor. Ouve-se às vezes:

> Vou êste ano ao S. Tiago
> ajustar o meu amor,
> que eu vejo pinto no bago...
> quero casar c'um pintor.

Dizem-no elas.

Eu sei: o baton, o rouge, o pó... aplicados por quem saiba, sobressaiem muito.

*

Os 20 filhos de D Afonso Henriques vão passear...

Devem estar velhos.

Seu pai morreu em fins do século XII. Mas era de tal fibra que ainda hoje existem os que tão de perto o representam... 800 anos depois.

Nem só as regiões exóticas possuem homens velhos.

Homens de 150, 200 ou 250 anos, são uma ninharia comparados com os nossos amigos que — cheios de terna evocação — trepam a mais de 7 séculos de idade.

E mais parecem rapazinhos.

Mas onde quer surge o imprevisto, o prodígio.

Vão passear — País em fora — as terras da antiga conquista.

Pena é que D. Sancho, seu irmão legítimo, não seja vivo para os acompanhar.

Mas, enfim...

Ricardo de S. Gil.

Eleições

Continua a ser o assunto de todos os dias a realização do próximo acto eleitoral. Nós, que não queremos outra coisa que não seja a Legalidade, temos muita confiança na vitória. Esta afirmação — que os nossos contrários consideram optimista, segundo as declarações que têm feito na imprensa — fazêmo-la sem receio nenhum, porque contamos com a ordem e com a liberdade precisas. O Govêrno da Ditadura não nega ao povo tôdas as facilidades para se bater. Nós, não desejamos uma luta de ódio e de sangue, mas sim uma luta da qual advenha o prestígio da República, tantas vezes abalado pelos maus patriotas, que são, afinal, os maus portugueses.

E' dentro desta ordem de ideias que nos estamos a preparar para o acto eleitoral, certos de que — como já o afirmamos — os nossos direitos serão mantidos, integralmente, pelo actual Govêrno, que é o Govêrno da República pela qual nos batemos, pela qual lutamos e pela qual sacrificamos a nossa própria vida.

(Grigri).

Museu Alberto Sampaio

Escreve-nos um amigo, cheio de ingénua esperança, lembrando à gente cá da casa a conveniencia de abrir uma campanha no sentido de — para evitar as despesas de um director e mais pessoal — ficar o Museu Alberto Sampaio sob a guarda da Sociedade Martins Sarmento.

Realmente, não se podia exigir guarda mais honesta. Mas, repare o nosso amigo que o Museu ainda está em obras. Aquilo é coisa para muito tempo...

De resto, a gente tem ideias geniais. Mas, geralmente, não colam. Não colam, sobretudo, porque a cola é ruim. Daí, o desarranjo.

Mande sempre.

Curandeiras, gente de artes...

Existem, ali à Rua Gravador Molarinho, duas irmãs (não são gémeas) que exercem secreta e petulantemente o ofício de parteira.

Chamamos a atenção do público para o destempero. Que as ditas são — à míngua de capacidade técnica e legal — irresponsáveis.

A Democracia consolida se porque os homens se acercam dum mesmo pensamento.

A eternidade do sufrágio

dãos — o facto representa uma necessidade pátria, reconhecida pelos próprios Governantes. Certamente que — por isso mesmo — podemos avaliar o quanto está enraizado, no coração do povo português, o sentimento democrático.

Tenhamos a noção do momento que passa. Ele revela, com intensa claridade, que a Democracia em Portugal é qualquer coisa mais que uma palavra vã... que é qualquer coisa mais que *um partidarismo faccioso*... que é — ***sobretudo*** — uma aspiração nacional. De facto a Democracia em Portugal vem demonstrando uma personalidade muito própria.

Pois é para a louvar. A sua construção é forte. Porque tem por alicerce a vontade do povo...

O sufrágio tem realmente o condão interessante de impor, à boa paz, o que muitas vezes — em virtude de má compreensão — só era exequível à fôrça.

Há, todavia, uma faceta ponderável na execução dêste grande privilégio das Democracias: é que a ausência absoluta de qualquer pressão sôbre o eleitor torna-se indispensável. E as eleições representam a vontade franca expontânea dos sufragistas. Não devem ser, sofismadas.

X. X. X.

Lêde e propagai a "A Velha Guarda,,

Não se confunda!...

Nós somos adversários da Ditadura? Mas não somos bolchevistas nem inimigos da ordem. Pelo contrário — como bons liberais e democráticos — nos agrupamos em defeza da ordem. Não somos inimigos do Govêrno; somos — quando muito — seus adversários leais. Somos inimigos, é certo, mas é dos monárquicos.

Esta é a verdade.

A A. R.-S. oferece os seus ensinamentos a todos os cidadãos, a todos os portugueses.

Polícia Civil

A comissão administrativa da Câmara Municipal, pediu ao sr. comandante distrital da Polícia de Segurança Pública, o aumento de mais 10 guardas, para policiamento da cidade.

Como habitualmente é costume, foi-lhe respondido que êste pedido não pode ser atendido, sem que primeiramente o corpo de polícia seja aumentado no seu efectivo.

Parada dos Bombeiros

Como sempre, a Empreza que explora êste recinto de diversão tem acertado muito bem na bôa selecção dos espectáculos que vem dando

O publico tem razão de estar satisfeito. Nota-se ali — mormente quando o tempo o permite — uma numerosa e distinta freqüência. A semana que findou foi feliz nos programas.

Na quinta-feira passada, exibiu-se «Um caso grave», com um film natural e outro cómico a completar o programa.

Hoje exibe-se «O circo da morte» por Dolores Costelo.

Na sessão de àmanhã exibe-se o film «A menina do chocolate», em 7 partes. A Sessão da Moda é na próxima quarta-feira, 29, com Anny Ondra na «Princeza do Petróleo».

Crónica de Vizela

Para que o homem viva, é absolutamente indispensável que todos os elementos necessários à vida se conjuguem.

Pois, para que a maior parte dos vizelenses tambem possam viver, é absolutamente necessário que se conjuguem: o sol e as moscas, para melhor emprego do mercúrio; a sueca, o vinho e a má-lingua, para melhor matar o tempo, e, para melhor cumprir as suas obrigações.

Mete-nos dó ver alguns grupos de meninos bonitos às portas dos casinos, no parque, no balneário, a mostrar as suas habilidades de palhaços, ou com requebros afeminados, com bigodinhos à imbecil, de meias de sêda, cabelo empastado, mostrando-se como num circo de cavalinhos e, presumindo no falar, fazendo a côrte a certas damas com madrigais mal amanhados. Estes fósseis do periodo mioceno, da época terciária, foram trazidos até aqui por um grupo de saltimbancos que, em tempos, percorreu esta região; expostos ao público como exemplares magnifios, por aqui ficaram para os aquistas admirar. Não ficaria mal à E. B. destinar-lhes uma sala no estabelecimento, para assim o ilustre público ter mais à mão esta série rara de animais «Pithecus antiquus» e «Mesopithecus».

Ou então, construindo no Parque umas jaulas seguras aonde tais especimens possam ser analizados.

Logo à entrada, defronte da bilheteira, deve ficar a jaula de um tal «Mastodonte», que não permite que os seus amigos e antigos condiscípulos, lhe deem o tratamento familiar de tu?! Crê-se que este fóssil é de descendência principesca, e só agora descobriu os seus pergaminhos e a sua linhagem (sic). Depois seguir-se-há a série interminável de papalvos, que povoam à noite as portas dos casinos, e que a cada instante, ao aproximar-se uma mulher bonita, solteira ou casada, não lhes importa, lançam um asnatico galanteio.

Jaulas, pois, para bem da moral, e maior tranquilidade dos nossos estomagos já enojados.

A carapuça, que quem de direito a enterre até às orelhas.

Au revoir.

Vizela, 18-7-31. — *F. Costa.*

N. R. — Esqueceramo-nos, a quando da 1.ª crónica, de dizer aos leitores quem é F. Costa. E' um novo, cheio de fé, que conhecemos dos bancos da Escola com o mesmo ardente amor pela República.

"A Velha Guarda,, é o jornal do Povo. Lêde-a e fazei-a circular.

Gonçalo Sá Mesquita Paúl

Na Foz do Douro, à rua de Gondarém — onde residia com sua familia — faleceu o nosso prezado amigo e bom correligionário, Sr. Dr. Gonçalo Sá Mesquita Paúl.

Tarde recebemos a dolorosa notícia. Sua Ex.ª, que era um integérrimo juiz — aposentado após dilatados anos de são e profiquo trabalho — pertenceu, por temperamento e sentimentalidade, ao número dos que tornam grande o significado de um ideal. Arreigadamente Republicano dum credo sempre e sempre democrático, pôde Sua Ex.ª formar à sua volta um ambiente de justas e sinceras simpatias.

Nós — que nutriamos por êle a mais terna das afeições — reservamo-nos o direito de o chorar.

E levamos, junto da desolada família, a expressão veemente da nossa dôr.

Notícias pessoais

Continua, infelizmente, bastante enfermo, tendo seguido para Coimbra, onde vai ser sujeito a uma melindrosa operação cirúrgica, o nosso querido amigo e prezado correligionário, sr. Porfírio Mendes Ribeiro Guimarães.

— Em goso de licença disciplinar, encontram-se entre nós, os nossos estimados amigos srs. Júlio Mendes e Virgílio Ribeiro Osório, briosos sargentos do nosso Exército.

— Há dias que guarda o leito, bastante enfermo, o nosso prezado amigo sr. Benjamim de Matos, benquisto comerciante da nossa praça.

— Tem esperimentado sensíveis melhoras, nos seus padecimentos, o estimado guarda-livros do Banco Nacional Ultramarino e nosso bom amigo, sr. Carlos Alberto Abreu.

— Para Coimbra, de visita a seu cunhado, sr. Porfírio Mendes Ribeiro Guimarães, seguiu o abalisado clínico vimaranense e nosso prestante correligionário Sr. Dr. João António de Almeida Júnior.

António Sarmento

Informa nos êste nosso querido amigo e valioso correligionário que — sôbre a notícia dada por nós no último número — há a retificar: S. Ex.ª é formado em Engenharia Mecânica por uma Universidade que não dá correspondência em Portugal e, a especialidade de Electro-técnia, só a conclui no próximo ano na Universidade de Tolouse, que vem fregüentando e que dá correspondência oficial nêste país.

Virgolino Pimenta

Para a Ilha de S. Tomé, foi transferido, inesperadamente, este nosso querido amigo e indefectivel republicano, que há cêrca de quatro anos, vinha com o maior zêlo e proficiencia, dirigindo a filial do Banco Nacional Ultramarino, desta cidade.

Lamentando a perda do leal e querido amigo, «A Velha Guarda» deseja-lhe boa viagem e as maiores felicidades.

Conclusão de Curso

Na Escola Industrial e Comercial, desta cidade, concluiu, com honrosa classificação, os exames do último ano do Curso Comercial, professado nesta Escola, o aluno Alfredo de Almeida e Sousa, filho do Ilustre Inspector da Região Escolar de Braga e nosso querido amigo, sr. Viriato de Almeida.

Ao brioso estudante e a seu ex.mo pai, apresentamos as nossas felicitações.

Cidadãos

A «A. R. S.» não foi um capricho dos homens. Foi, antes de tudo, a necessidade civica dum momento histórico.

Gralhas

Estas avesitas agoirentas pretendem desfechar rasgados vôos atravez do nosso jornal. O último número, e sobretudo no artigo «Fazendo um pouco de história», merece especial reparo. Quási no fim do artigo e naquela *algaravia de francês*, devia lêr-se: *Aujourd' hui, comm'alors, il faut à l'homme la nourriture du corps e celle de l'ame.*

Assim é que está certo.

Notas de Imprensa

«Nossa Terra» — é um quinzenário literário e noticioso que viu, pela primeira vez, a luz da publicidade em Sant'Iago de Cacem. E' um bom jornal, quer sob o ponto de vista gráfico, quer sob o ponto de vista redactorial.

Desejando muita vida ao novo colega, agradecemos a visita e vamos permutar.

«Liberdade» — (Lisboa) — é um vibrante semanário livre, por demais conhecido dos nossos leitores. Sôbre o suelto aqui publicado sob a epígrafe «Missa ou comício?» faz o colega conscienciosas considerações, anotando-lhe a respectiva legislação.

Mas, que quere o colega? As coisas são assim. Estes indivíduos esquecem se do decoro que devem a si próprios. Depois... nós somos tudo que êles querem... e ainda mais alguma coisa.

«O Povo de Penafiel» — Em uma nota datada de 14 do corrente, comunica-nos a direcção de «O Povo de Penafiel», que, a partir daquela data, interrompe a publicação dêste semanário até ao próximo dia 2 de Agôsto.

«O Povo de Penafiel» é um brilhante paladino da Democracia que, como «A Velha Guarda», vem batalhando — naquela linda cidade — pela ideologia e pontos de vista do glorioso P. R. P.

Bem nos queria parecer — este suelto, que o leitor leu em «A Velha Guarda», foi transcrito pelo nosso intemerato confrade de Arcos de Valdevez «Voz do Minho». Agradecidos.

Parabens

Na Escola Central, desta cidade, fez exame de instrução primária — 2.º grau — o menino Francisco Joaquim de Freitas Pereira, tendo obtido a classificação de distinto. Ao inteligente menino e a seu pai e nosso dedicado amigo e correligionário sr. Francisco Pereira da Silva Quintas, apresentamos os nossos cumprimentos de felicitações. Na mesma Escola, transitaram da 2.ª para a 3.ª classe e da 3.ª para a 4.ª — também com distinção — os meninos José António e Ana Menezes, filhos do nosso querido amigo e ilustre professor da nossa Escola Industrial e Comercial, sr. Mário Menezes, aos quais damos, igualmente, os nossos mais sinceros parabens.

Felicitamos ainda o nosso bom amigo e distinto colaborador dêste jornal — professor sr. Jerónimo Botelho, por seu interessante filho António ter transitado da 2.ª para a 3.ª classe do Ensino primário, com a classificação de distinto.

Nova parteira

Numa Faculdade de Medicina, onde assiduamente fazia o curso de parteira e de enfermagem, concluiu com distinção a sua formatura a Sr.ª D. Arminda Martins Fernandes, filha do sr. Francisco Martins Fernandes.

Parabens.

A A. R.-S. foi, na história da nossa civilização, mais um lídimo e fulgurante êxito da Democracia.

Dr. Jerónimo Martins da Rocha

Foi cruelmente ferido com a morte de seu querido filhinho, êste nosso ilustre correligionário e Delegado do Procurador da República nos Arcos de Valdevez.

«A Velha Guarda» apresenta a S. Ex.ª e Ex.ma Esposa o seu cartão de sentidas condolências.

Súplica

Se lá na estância em que a Bondade mora
e a Paz bendita é lei nunca iludida,
pode chegar a ânsia reprimida
que vibra na incerteza desta hora;

Se na mansão da Glória, tão subida,
onde é eterno o dia, eterna a aurora,
pode chegar a voz esmorecida
duma pobre mulher que reza e chora;

Vê como os caminheiros da desgraça
vergando ao pêso atróz da iniquidade
vacilam sôbre a terra movediça...

Veste-os, Senhor, da luz da tua graça!
e que a mão sacrossanta da Verdade
desvende, enfim, os olhos à Justiça!...

(Inédito) *LUDOVINA FRIAS DE MATOS.*

EDITAL

José Maria Pereira de Magalhães e Couto, Administrador do Concelho de Guimarães;

Faz público que, para os devidos efeitos e para cumprimento do art.º 8 do Decreto n.º 8364 de 25 de Agosto de 1922, a esta secção administrativa da Câmara baixou o edital da Circunscrição Industrial, que é do teor seguinte:

Manuel Jacinto Eloi Moniz Júnior, Engenheiro-Chefe da 1.ª Circunscrição Industrial;

Faz saber que António Manuel Lourenço (Herdeiros) requereu licença para instalar um forno de padaria incluido na 3.ª classe com os inconvenientes de fumo e perigo de incêndio, na Avenida da República, freguesia de Caldelas, concelho de Guimarães, distrito de Braga, confrontando ao Norte, com Avenida da República, Sul, com terrenos do requerente, Nascente, com Francisco da Silva Martinho e Poente com António Marques Ferreira da Silva Guimarães.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incomodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do praso de 30 dias, a contar da data da publicação dêste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito, contra a concessão da licença requerida, e examinar o respectivo processo, nesta Circunscrição com séde em Porto, rua Sá da Bandeira n.º 142 — 2.º.

Porto, e Secretaria da 1.ª Circunscrição Industrial, em 21 de Julho de 1931.

Pelo Eengenheiro-Chefe

Humberto Sousa Reis.

E' o quanto se contem no referido edital.

Guimarães, secção administrativa, aos 23 de Julho de 1931.

Eu, *José Fernandes Ribeiro Gomes*, chefe da secção administrativa, o escrevi.

José Maria Pereira Leite de Magalhes e Couto.

A's boas donas de casa

Recomendamos a grande liquidação que está fazendo a CASA DAS LOUÇAS. Liquidação completa das louças de esmalte, aluminio e porcelana e de muitos outros artigos. Grandes abatimentos. Preços baratos, na CASA DAS MEIAS, junto à CAMISARIA MARTINS.

Caixa Geral de Depósitos Crédito e Previdência

CASA DE CRÉDITO POPULAR

Para os devidos efeitos se anuncia, nos termos do Art.º 127.º do Regulamento aprovado pelo Decreto n.º 8.126, de 29 de Maio de 1922, que a partir do dia 31 de Agôsto próximo, futuro, se procederá à venda em leilão, dos penhores que caucionem os empréstimos efectuados, que tenham um atrazo de juros superior a trez mezes.

A Agência n.º 69 da *Casa de Crédito Popular* receberá juros em dívida até ao dia 29 do citado mês de Agôsto, depois do que os resgates ou renovações dos contractos ficam sujeitos ao pagamento da taxa fixada para despezas de leilão.

Guimarães e Agência da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, 21 de Julho de 1931.

O Chefe da Agência,

a) *Novais e Sousa.*

V. Ex.ª

só encontra um bom sortido de MEIAS em todas as qualidades, camisas, popelines, gravatas, chapéus, sombrinhas, luvas, malinhas, bordados e rendas, artigos de bordar, calçado de verão, na CAMISARIA MARTINS, a CASA DAS MEIAS.

Cidadãos

Recenseai-vos pela «A. R. S.» que é a garantia absoluta do vosso futuro cívico.

Associação Artística

Há tempos surdiu, na sede desta Associação de Socorros Mútuos, um incidente a que não fizemos referência. Motivára-o — pelo dizer de certos associados — o facto de os corpos gerentes daquela casa pertencerem *à burguesia.*

Após variadas peripécias, deu-se a demissão colectiva das respectivas Direcção e Mesa da Assembleia Geral... procedendo-se, em seguida, a novas eleições.

Sabemos que alguns sócios mais exaltados proferiram — em antes disto — a máxima de que a *Associação é só para artistas, etc.*

Mas, — sem nada termos com o caso — vemos que agora lá se encontra de tudo, como dantes. Há na dita casa (referimo-nos aos corpos gerentes) indivíduos que não são operários, mas sim patrões.

E fêz-se tanta berraria...

Desta forma, nem sabemos de que lado está a razão. Porque a base do incidente... sossobra.

E' assim que as coisas metem água...

O melhor café é o d'A BRAZILEIRA

Torrefacção primorosa
Todos os dias moído electricamente

DEPOSITÁRIOS:
Francisco Joaq.m de Freitas & Genro
70-TOURAL-73
GUIMARÃES

FÁBRICA DE PENTES DO RIBEIRINHO
FORNECEDORA DOS PRINCIPAIS ARMAZENS EXPORTADORES
TELEFONE N.º 128
GUIMARÃES — Portugal

CASA DAS GRAVATAS
DIAS & CARVALHO, L.DA
CHAPELARIA, CAMISARIA E GRAVATARIA.
43—Rua da República—47
TELEFONE N.º 188
GUIMARÃES

CARLOS DE LEMOS
(MARCA 54)
FABRICA DE CUTELARIAS
MIRADOURO — GUIMARÃES
Cutelarias em aço fino das melhores procedências

PADARIA ALMEIDA
DE
José Mendes Guimarães
Rua Elias Garcia, 63
GUIMARÃES
Cereais e Farinhas

PHILIPS RADIO
OS MELHORES RECEPTORES
Representantes:
BERNARDINO JORDÃO, FILHOS & C.A
GUIMARÃES
TELEFONE 22

Grande Armazem de Exportação
DE
Augusto Mendes
Rua de Gil Vicente
GUIMARÃES
Calçado, Cutelarias e Pentes

CASA DE SANTA TERESINHA
RUA DA REPÚBLICA, 122
GUIMARÃES
Papelaria e Livraria
Artigos Religiosos e Objectos de escritório

Pasta dentifrica CORALIA
Sendo quimicamente neutra é a úuica que dá aos dentes a côr natural do marfim.
Telefone, 73
Vende-se em tôdas as farmácias e perfumarias.

CASA HIGH-LIFE, Filial
de Benjamim de Matos & C.a, L.da
Toural — GUIMARÃES
Telefone, 64
O seu intento é, com os preços e qualidades de todos os artigos que vendem, convencer o público de que se esforçam o máximo para lhe fornecer artigos bons e garantidos por preços razoáveis.
SECÇÃO DE MODAS.

Antiga Casa Patrício
DE
José Fernandes Martins
Praça D. Afonso Henriques
GUIMARÃES
Pão de Ló de Margaride (de Leonor Rosa da Silva).
Especialidade em artigos de mercearia fina.

A. J. Ferreira da Cunha
Praça D. Afonso Henriques
GUIMARÃES
Sortido completo em ferragens finas e para usos industriais.

Papelaria Central
Telefone, 149
Praça D. Afonso Henriques
GUIMARÃES
Artigos fotográficos.
Unica casa da especialidade.

Armazem de Mercearia
por junto e a retalho
DE
Francisco Lopes Martins
Rua de Gil Vicente--GUIMARÃES
Depósito de telha Marselha e tubos de grés. Telefone, 101

GRANDE HOTEL DO TOURAL
TELEFONE N.º 74
O maior, o mais central e o mais bem frequentado e confortável. Serviço de mesa primoroso para dieticos e não dieticos.

PENSÃO DE GUIMARÃES
DE JOAQUIM DA SILVA
19, Travessa de Camões, 21 — GUIMARÃES
Almoços a 8$00. Jantares a 10$00. Diárias de 14$00 a 25$00. Quartos excelentes e cozinha á portuguesa. Iluminação eléctrica.

João do Couto Salgado
CHAMADAS — Telefone, 222
Mudou o seu escritório de solicitador para a Rua 31 de Janeiro, 111
GUIMARÃES

Fábrica de Guarda-sois e Chapeus
DE
FARIA & FERNANDES, L.da
51, Largo Prior do Crato, 54-GUIMARÃES
49, Praça D. Afonso Henriques, 50 (Filial)
Telefone n.º 89
Agentes oficiais dos pneus FIRESTONE
Representantes do capacho IDEAL

Oficina de Serralheria
DE
SEBASTIÃO MENDES
Rua de Vila Verde — GUIMARÃES
Encarrega-se da manufactura de tôda a obra que diz respeito à sua arte, tais como: Portais para quintas, cozinhas de ferro, ramadas, etc., etc., etc. Especialidade em alicates, torquezas, fechaduras e pedrezes.

Leite & Figueiredo
Materiais para construções
Cal, tintas, vernizes, tubos de grés e telha de Marselha.
Largo da Condessa do Juncal — GUIMARÃES

CARREIRAS DE CAMIONETE ENTRE GUIMARÃES E PORTO
João Ferreira das Neves
Escritório:
Casa Alméria Ferra
Toural — Guimarães

António Ferra, Filho
Largo D. Afonso Henriques
GUIMARÃES
Completo sortido em ferragens finas e artigos de menage.
Escritório de Camionetes para o Pôrto

JOSÉ MENDES GUIMARÃES
R. de Gil Vicente, 71 — GUIMARÃES
Depósito da excelente palha trilhada em fardos, bancas de lousa para barreleiros, oleados e carvão de coke para cosinha.

Braga & Carvalho, Limitada
Praça de D. Af. Henriques — Guimarães
TELEFONE, 78
ARMAZEM DE MERCEARIA FINA e Escritório das Camionetes para Braga e Pôrto.

CASA IDEAL
DE Joaquim Leite Monteiro
Rua 31 de Janeiro n.os 28 e 30
Telefone n.º 181
Encarrega-se de concertos em tôdas as Máquinas de escrever (qualquer marca). Serviços garantidos. — Preços módicos. Agente das Máquinas Smith e Corôna.

L. D'OLIVEIRA & C.a
Rua da República
(Junto ao Banco do Minho)
GUIMARÃES
Completo sortido em tabacos nacionais e estrangeiros.
LIVRARIA E PAPELARIA.
VALORES SELADOS.

Sapataria Elegante
DE
Artur d'Oliveira Sequeira
Largo Prior do Crato
GUIMARÃES
Especialidade em calçado fino e concertos

MANUEL MACHADO
Miradouro — Guimarães
Marca 53 (Registada)
Fabrico de cutelarias. O melhor no género. Acabamento garantido.

Joaquim Ribeiro Moura
(Marca 35)
Pisca — GUIMARÃES
Telefone n.º 167
Fábrica de Cutelarias e Tecidos
Premiada nas várias exposições a que tem concorrido.
A título de experiência, aconselha-se uma visita a esta acreditada casa.

FOTO-BELEZA
DE MANUEL ALVES MACHADO
Rua 31 de Janeiro, 97—GUIMARÃES
GALERIA DE ARTE Telefone n.º 216
Executa com a máxima perfeição ampliações em todos os tamanhos. Acabamentos em trabalhos de amadores e todos os serviços concernentes a esta arte.

Marca da Fábrica
SILVA MARCA 5 GUIMARÃES
Registada
Endereço telegráfico: SILVA 5-Guimarães

FÁBRICA DE CUTELARIAS: SILVA MARCA-5
A MELHOR DE PORTUGAL
Fundada em 1882
Premiada em tôdas as exposições a que tem concorrido
José Francisco da Silva, Filho & Genro
MIRADOURO — GUIMARÃES